

Oliveira Vianna: mitos e utopias entre símbolos de brasilidade

Elizabeth Cancelli

***O charme da ciência e a sedução da objetividade:
Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil***

*Maria Stella Martins Bresciani
São Paulo, EdUnesp, 2005.*

Stella Bresciani vinha prometendo há alguns anos a publicação de seus estudos sobre Oliveira Vianna. A bem da verdade, esse trabalho de fôlego, não só pelo volume (são quinhentas páginas!), mas pela densidade e originalidade, justifica a ansiedade gerada pela espera. *O charme da ciência* é muito mais do que uma análise de Oliveira Vianna: é um sofisticado estudo que, além de trazer à tona a bagagem literária internacional de Vianna, traduzida com destreza por Bresciani, vai de encontro à tradição da academia brasileira, que tende a isolá-lo de outros intérpretes do Brasil. Lido no mais das vezes com desprezo, em função de sua opção política autoritária e de sua aproximação com a ditadura de Vargas, Oliveira Vianna teve suas principais teses desassociadas dos demais intelectuais da sua e das próximas gerações que tentaram explicar o Brasil, de Paulo Prado a

Nota: Elizabeth Cancelli é professora do Departamento de História da USP.

Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 38, julho-dezembro de 2006, p. 135-136.

Sérgio Buarque de Holanda, passando por Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior, Darcy Ribeiro e Thomas Skidmore.

Nesse estudo de Bresciani, as principais vigas de análise de Vianna são apresentadas e relacionadas à tradição do pensamento internacional e brasileiro. Não são os rótulos de “autoritário”, “modernista”, “atual” ou “reacionário” que regem a narrativa da autora, mas uma acurada atenção à construção dos sentidos da brasilidade apresentada por Vianna em similitude com outros cânones do pensamento nacional. Essas narrativas, especialmente calcadas no que Stella Bresciani chamará de *lugar comum das carências*, é também uma inteligente e elegante crítica da autora à postura, por assim dizer, ingênua dos que assumem o pressuposto presente em Vianna – e em outros intelectuais de seu tempo – da existência de um Brasil com instituições e *idéias fora do lugar*.

O charme da ciência e a sedução da objetividade, que servem de título ao livro, estão assentados na possibilidade aventada por Vianna de que importar idéias políticas e modelos institucionais seria erro político primário, mas fazer uso de modelos de análise social de ampla utilização na Europa e nos Estados Unidos seria compartilhar dos “sólidos e isentos princípios da ciência”. Bresciani desvela esta trama mostrando ao leitor como mito e utopia se cruzam a partir de uma pretendida neutralidade científica que recorre “abertamente à troca afetiva com seus leitores, criando símbolos de brasilidade, de ser brasileiro”. Levanta, portanto, os alicerces sobre os quais as ciências sociais constroem sua importância política, tendo como fundamento as noções de etnia, raça, cultura e nacionalidade, não sem revelar a importância da sofisticação e da erudição de Vianna. Lá estão presentes os diálogos com Tarde, Le Play, Taine, Durkheim, Ratzel, Febvre, Bergson, Mauss, Le Bon, Landry, Simiand, Hawbawchs, Wirth, Boas, Goethe, Spengler, Malinowski, Radcliffe Brown, por exemplo, que são recuperados e analisados no livro.

Ao final da leitura, não fugirá ao leitor a madura crítica historiográfica de todo o desenrolar do trabalho. Não é por acaso que um dos fios condutores do livro é justamente o resgate dos *lugares comuns* do pensamento brasileiro de campos conceituais diferenciados, mas que estão assentados na inadequação do povo, na sua ignorância/sabedoria, na sua inconsciência, na sua “bestialização”, no belo e no grotesco, e na necessidade da presença política de lideranças sensíveis, firmes e pragmáticas. Um aprisionamento da historiografia e das ciências sociais, como bem adverte Stella Bresciani, a preceitos políticos encobertos pela sedução da ciência e da objetividade, com representações muito próximas da sociedade e de sua cultura. Uma crítica historiográfica cujo conteúdo nos remete à necessidade urgente de questionar pressupostos acabados e mecanicamente aceitos que perpassam as representações históricas, literárias e políticas do Brasil ao longo de todo o último século. Um chamado à reflexão profunda e à retomada crítica da historiografia sobre o Brasil. Uma leitura fundamental para fugir ao lugar comum.

Instruções aos Colaboradores

Todos os artigos enviados aos editores da revista *Estudos Históricos* serão submetidos a pareceristas conceituados para que emitam sua avaliação. A revista aceitará somente trabalhos inéditos sob forma de artigos, enrevistas e comentários de livros. Os textos em língua estrangeira, quando aceitos pelo Conselho Editorial, serão traduzidos para o português.

Todo artigo submetido à revista para publicação deverá ser acompanhado de uma lista de até seis palavras-chave que identifiquem os principais assuntos tratados e de um resumo informativo em português, com versões em inglês e francês, com 100 palavras no máximo, onde fiquem claros os propósitos, os métodos empregados e as principais conclusões do trabalho. Deverão ser igualmente encaminhados aos editores dados sobre o autor (funções que exerce, áreas de interesse, últimas publicações).

Os editores reservam-se o direito de introduzir alterações na redação dos originais, visando a manter a homogeneidade e a qualidade da revista, respeitando, porém, o estilo e as opiniões dos autores. Os artigos expressarão assim, única e exclusivamente, as opiniões e conclusões de seus autores. Os artigos publicados na revista poderão também ser disponibilizados em diferentes mídias e na Internet.

Toda correspondência referente à publicação de artigos deverá ser enviada para eh@fgv.br (preferivelmente) ou para:

Fundação Getúlio Vargas/CPDOC
Secretaria da Revista Estudos Históricos
Praia de Botafogo, 190, 14º andar, Rio de Janeiro 22.253-900 RJ
Telefone: 21 2559-5683

Apresentação do manuscrito

Texto – Os textos submetidos aos editores para publicação na revista *Estudos Históricos* deverão ser digitados em Winword, Times New Roman 12, espaço duplo, formato de página A4. Nesse padrão, o limite dos textos será de 50 mil caracteres (incluindo espaços em branco) para artigos e 8 mil caracteres (incluindo espaços em branco) para resenhas, incluindo-se as notas e referências bibliográficas. O arquivo deve ser enviado por correio eletrônico ou apresentado em disquete.

Notas e remissões bibliográficas – As notas deverão ser sucintas. As remissões bibliográficas não deverão ser feitas em notas, e sim figurar no corpo principal do texto. Da remissão deverá constar o nome do autor, seguido da data de publicação da obra e do número da página, separados por dois pontos.

Exemplos: Segundo Cassirer (1979:46), a síntese e a produção pelo saber...
O eu que enuncia “eu” (Benveniste, 1972:32)..

Referências bibliográficas – As referências bibliográficas deverão constituir uma lista única no final do artigo, em ordem alfabética. Deverão obedecer aos seguintes modelos:

1) tratando-se de livro: a) sobrenome do autor (em letra maiúscula), seguido do nome; b) data da publicação; c) título da obra (itálico); d) nº da edição; e) local de publicação; f) nome da editora.

Exemplo: BACHELARD, Gaston. 1984. *La terre et les rêveries de la volonté*. Paris, Librairie José Corti.

2) tratando-se de artigo: a) sobrenome do autor (em letra maiúscula), seguido do nome; b) data da publicação; c) título do artigo entre aspas; d) nome do periódico por extenso (itálico); e) local de publicação; f) volume e nº do periódico.

Exemplo: CAMARGO, Aspásia, 1984. “Os usos da história oral e da história de vida: trabalhando com elites políticas”. *Dados*. Rio de Janeiro, vol. 27, nº 1.

38 estudos históricos

Bens Culturais

Clínicas sociais e biografia individual
Gilberto Velho

Da coleção impossível ao espólio indesejado: memórias ocultas do Museu Júlio de Castilhos
Letícia Borges Nedel

O Museu de Arte Moderna e a trajetória do concretismo carioca
Sabrina Marques Parracho Sant'Anna

Favela como patrimônio da cidade? Reflexões e polêmicas acerca de dois museus
Bianca Freire-Medeiros

Neocomunidades: reconstruções de territórios e saberes
Javier Alejandro Lifschitz

Entrevista com Christophe Charle
Marieta de Moraes Ferreira

Uma história das imagens: o acervo iconográfico do Arquivo Nacional
Cláudia Beatriz Heynemann e Maria do Carmo Teixeira Rainho

Antropologia como vocação: uma homenagem a Clifford Geertz (1926-2006)
Celso Castro

Pau-Brasil e Benedito Calixto: a construção do imaginário paulista
Lúcia Lippi Oliveira

Socio-historiografia de uma categoria: as favelas e suas representações sociais
Fernanda Delvalhas Piccolo

Oliveira Viçosa: mitos e utopias entre símbolos de brasilidade
Elizabeth Cancelli

Próximos números

Brasil-Africa

Território e Espaço

